

Poder de Fogo de Precisão

Bombas Inteligentes, Estratégias Absurdas

Tenente-Coronel Timothy R. Reese, Exército dos EUA

Você pode sobrevoar eternamente um território; pode bombardeá-lo, pode pulverizá-lo e destruir toda a vida humana — mas se deseja defendê-lo, protegê-lo e mantê-lo para a civilização, isso deve ser feito no terreno, da mesma maneira como fizeram as legiões romanas, desdobrando seus homens jovens na lama.

— T. R. Fehrenbach¹

DESDE QUE David assassinou Golias com uma atiradeira e uma pedra, o desejo de todos os combatentes tem sido o de derrotar o inimigo à distância. À partir da Revolução Industrial a pergunta tem sido "Por que enviar um soldado quando um projétil pode fazer o mesmo serviço?" A aspiração natural é limitar a necessidade de enfrentar o inimigo face à face, evitando assim seus contra ataques. Em 1999, o historiador John Keegan disse: "Há um momento decisivo agora, que deve ser anotado no calendário: 3 de junho de 1999, quando a capitulação do Presidente Milosevic provou que uma guerra pode ser vencida apenas com o poder aéreo."² Primeiro o mosquete, depois a artilharia e agora as bombas e mísseis praticamente eliminaram o confronto dos heróis de Homero.

Na era de informação do século XXI, a preferência do emprego do poder de fogo lançado por meios aéreos e apoiado por satélites tem alcançado outros níveis. As armas são agora tão precisas que as descrevemos como munições dirigidas de precisão, "inteligentes", ou até mesmo bombas "brilhantes". Projéteis não dirigidos são meramente bombas "bobas". Os Estados Unidos podem destruir qualquer coisa, em qualquer lugar, a qualquer hora, empregando armas inteligentes e de precisão. Teóricos desenvolveram algumas escolas de pensamento sobre o significado dessa capacidade para a estratégia militar. Embora esses conceitos apresentem diferenças em certos assuntos, surgem da crença

comum que as armas de precisão oferecem um novo método para executar a estratégia militar.

Em seu relato sobre as operações aéreas durante a Guerra do Golfo Pérsico, Richard P. Hallion, historiador da Força Aérea dos EUA, conclui da seguinte forma: "simplesmente falando, o poder aéreo venceu a Guerra do Golfo."³ Sem dúvida, alguns teóricos concluem, com frequência, que as forças navais e terrestres deveriam apoiar o poder aeroespacial como a arma militar predominante. Essa é uma inversão dramática dos papéis tradicionais.⁴

John A. Warden, antigo defensor do poder de fogo de precisão, considera os sistemas inimigos como cinco círculos interconectados que poderiam ser destruídos por ataques aéreos precisos.⁵ Os ataques aéreos poderiam "reduzir a capacidade..., degradar a eficácia, [e como um organismo vivo tornar os sistemas inimigos] suscetíveis às idéias infecciosas que queremos que sejam parte deles."⁶ Warden diz ainda que, o advento das munições dirigidas de precisão possibilita separar o poder militar inimigo de sua força de vontade, destruindo o primeiro e tornando o segundo irrelevante.

A Força Aérea norte-americana cunhou a frase "alcance global, poder global" para descrever sua habilidade de lançar poder de fogo com grande precisão em qualquer parte do mundo, com pouco aviso prévio. A doutrina da FAe americana define engajamento de precisão como "a habilidade ... de causar efeitos estratégicos, operacionais ou táticos discriminadamente."⁷ Engajamento de precisão também "oferece a oportunidade para uma abordagem diferente da relação entre o poder militar e os objetivos políticos."⁸

Armas de precisão são os meios através dos quais o conceito de "ataque estratégico" pode ser atingido. Ataque estratégico é definido como "operações previstas para alcançar diretamente efeitos estratégicos... e alcançar seus objetivos sem primeiro ter de engajar as

tropas adversárias desdobradas, em extensas operações nos níveis tático e operacional da guerra”.⁹

Estrategistas contemporâneos empregam o termo “operações baseadas em efeitos” (*effects-based operations* — *EBO*).

Os defensores das operações baseadas em efeitos acreditam que os avanços tecnológicos permitem “que os ataques aéreos criem efeitos físicos e psicológicos que, combinados, impedem rapidamente uma força terrestre desdobrada de atuar eficazmente para atingir os objetivos desejados.”¹⁰ Na aparente corrida para adotar a Era da Informação, estrategistas no Comando de Forças Conjuntas dos EUA estão usando o termo operações decisivas rápidas (*rapid decisive operations* — *RDO*) para descrever um novo conceito de guerra. Operações decisivas rápidas combinam as operações baseadas em efeitos “com o conhecimento superior e com as capacidades de comando e controle (C2)” para debilitar o inimigo e forçá-lo a cessar suas ações contrárias aos interesses dos EUA, ou para derrotar suas forças.¹¹

B. H. Liddell-Hart define a estratégia militar como “a arte de distribuir e aplicar meios militares para alcançar os fins previstos pela política”.¹² Eu uso o termo poder de fogo de precisão para descrever a teoria de que o poder de fogo empregado, em geral, por meios aéreos com grande precisão contra um discreto conjunto de alvos, pode levar diretamente à derrota do adversário e à obtenção dos objetivos políticos dos EUA.¹³

O fator de continuidade entre as várias correntes de pensamento é que o poder de fogo de precisão irá revolucionar a estratégia militar e não apenas a tática e as operações. A crença é que os exércitos poderão rapidamente alcançar os objetivos políticos, e as guerras serão vencidas com muito poucas baixas e danos colaterais sendo empregadas poucas ou talvez nenhuma força terrestre. Muitas vezes o poder de fogo de precisão é responsável pela falta de nitidez entre os níveis tático, estratégico e operacional da guerra. Esse fato incentiva os pensadores militares a considerar equivalente a habilidade de destruir algo e o propósito fundamental para destruí-lo — ao considerar equivalentes os métodos da estratégia e seus objetivos. Esta é uma teoria realmente impressionante, e oferece um caminho revolucionário à vitória na guerra — quem dera isso fosse assim.

A Teoria em Prática

Historicamente, os teóricos militares têm supervalorizado a eficácia do poder de fogo. O poder de fogo de precisão pode ser operacional e taticamente decisivo quando o objetivo militar é negativo, no sentido de castigar um inimigo por ter executado certa ação ou para negar-lhe certas opções militares. Não importa quão preciso seja o poder de fogo, não pode ser estrategicamente decisivo, porque a não ser uma paz cartaginesa ou um Armagedon,

as metas políticas da guerra requerem algo mais que o aniquilamento. Sem obter uma mudança fundamental a longo prazo no comportamento do inimigo, o vencedor estará continuamente forçado a enfrentar as operações desse inimigo sempre que este entenda que deva tratar os métodos e a resolução do vencedor. O poder de fogo de precisão pode facilitar o trabalho das forças terrestres com um custo menor, mas no final o vencedor deve enfrentar o vencido, face a face, para reivindicar a vitória.

Desde o princípio, certos fatores técnicos, táticos e políticos têm complicado a aplicação do poder de fogo de precisão. Os parágrafos seguintes revisam sucintamente as limitações dos fatores:

Limitações técnicas: Como é o caso de qualquer sistema de armas, existem limitações técnicas para a eficácia do poder de fogo de precisão. O mau tempo pode ocultar a área do alvo e distorcer os raios laser que guiam as armas em direção ao alvo. Os sistemas

Desde que David assassinou Golias com uma atiradeira e uma pedra, o desejo de todos os combatentes tem sido o de derrotar o inimigo à distância. À partir da Revolução Industrial a pergunta tem sido "Por que enviar um soldado quando um projétil pode fazer o mesmo serviço?" A aspiração natural é limitar a necessidade de enfrentar o inimigo face à face, evitando assim seus contra ataques.

de direção podem falhar e deixar as bombas caírem fora da área dos alvos, possivelmente em áreas civis. A coordenação do reconhecimento, da coleta de informações e do processo de seleção de alvos é extremamente complexa e inexata. Os terrenos de selva, de montanha e urbano, dificultam a seleção de alvos, mesmo com a presença de observadores no terreno. A confiabilidade mecânica também não pode ser considerada perfeita.¹⁴ As munições dirigidas de precisão melhoraram muito desde sua introdução no final da guerra do Vietnã; não obstante, a precisão destas armas, no mundo real, nunca é tão boa como seu nível de publicidade.

Limitações fiscais. Mesmo com os inflacionados orçamentos de defesa nacional, os assuntos triviais de custo, produção e logística podem ser combinados para limitar a disponibilidade de armas de ataque de precisão. As munições dirigidas de precisão são caras, levam muito tempo para ser fabricadas e são consumidas em pouco tempo. Em um caso extremo ocorrido no Afeganistão, um caça-bombardeiro *F-16* e um bombardeiro *B-2 Stealth* empregaram várias bombas de 500 libras, várias bombas

de dispersão e outras 16 bombas de 2.000 libras para atacar uma camioneta Toyota com 15 supostos combatentes do Talibã.¹⁵

Considerações políticas. Com frequência as considerações políticas têm limitado a eficácia do poder aéreo no nível estratégico da guerra. Desde a relutância de bombardear indiscriminadamente objetivos civis durante a II Guerra Mundial, o medo da guerra nuclear contra a China e a Rússia na Coreia, o relaxamento das restrições impostas entre os EUA e a União Soviética que limitaram a seleção de alvos no Vietnã do Norte, a relutância de alguns países membros da OTAN para sancionar o bombardeio de objetivos de dupla utilidade na Sérvia, os EUA, com frequência, têm sentido a necessidade de limitar a aplicação de sua enorme superioridade tecnológica no nível estratégico da guerra. As razões particulares são

Muitas vezes o poder de fogo de precisão é responsável pela falta de nitidez entre os níveis tático, estratégico e operacional da guerra. Esse fato incentiva os pensadores militares a considerar equivalente a habilidade de destruir algo e o propósito fundamental para destruí-lo — ao considerar equivalentes os métodos da estratégia e seus objetivos.

tão diversas como as guerras, porém uma tendência irrefutável emerge do registro histórico.¹⁶ A resposta normal dos defensores do poder de fogo tem sido que na próxima guerra, empregando-se melhor tecnologia sem restrições políticas, o poder de fogo produzirá os resultados prometidos. Contudo, o objetivo político da guerra sempre limitará a utilidade do poder de fogo, independente da precisão com que for aplicado.

Considerações sobre o inimigo. Frequentemente esquecemos que o inimigo tem seu voto na determinação da teoria da eficácia do poder de fogo de precisão. Como disse o teórico militar prussiano, Carl von Clausewitz, “a guerra é uma competição contra uma força animada que resiste aos nossos esforços em todas as oportunidades.”¹⁷ O inimigo, em geral, pode encontrar os meios para evitar, absorver, esperar ou derrotar um ataque pelo poder de fogo. Em uma pesquisa de opinião sobre os conflitos pós II GM, o historiador militar Robert H. Scales Jr. conclui que “é certo que os efeitos do poder de fogo podem ser paralisantes. Mas esses efeitos são sempre de curta duração. Ao longo da história, os exércitos têm demonstrado que podem se acostumar com os efeitos do poder de fogo e ainda aprender maneiras inovadoras para diminuir seus efeitos destrutivos.”¹⁸

A experiência atual no Afeganistão sugere que os efeitos do poder de fogo de precisão são limitados, mesmo

contra um inimigo primitivo. Os ataques aéreos realizados pelos EUA só foram eficazes no final de novembro de 2001, quando começaram a ser dirigidos pelas Forças Especiais americanas, em apoio direto às forças terrestres da Aliança do Norte que atacavam posições do Talibã.¹⁹ E, como foi demonstrado nas batalhas de Tora Bora e do vale Shah-i-khot, a dependência em combatentes afegãos lutando como força terrestre, acarretou uma série de limitações e resultados inferiores, com os alvos, muitas vezes, conseguindo escapar. Em seu estudo recentemente publicado, Stephen Biddle relata, de forma convincente, a rapidez e a eficácia com que as forças do Talibã e Al-Qaeda foram capazes de evitar e adaptar-se ao poder de fogo de precisão dos EUA.²⁰

O poder de fogo de precisão também presume o conhecimento de inúmeros aspectos sobre o inimigo, quando isso normalmente não é verdade. Os defensores das operações baseadas em efeitos oferecem aos tomadores de decisões políticas um conjunto de efeitos desejados para impor ao inimigo. Os defensores das operações baseadas em efeitos erroneamente assumem que os EUA podem determinar, com precisão, quais os meios mais valorizados pelo inimigo e logo atacá-los. Nesse sentido, o poder de fogo de precisão é uma ferramenta para aqueles que acreditam no gradualismo, no escalamento e na teoria do jogo de castigo. Os defensores do poder de fogo de precisão podem ser vítimas da falácia da reflexão — o pensamento de que o inimigo reagirá da mesma forma que nós reagiríamos. Sem dúvida, os efeitos destrutivos físicos do poder aéreo podem ou não afetar o inimigo da maneira que previmos. Mesmo se pudéssemos reduzir o inimigo a um conjunto de sistemas e atingi-lo com grande precisão, todos, com exceção dos mais primitivos e incompetentes inimigos, reagirão e se adaptarão.²¹

O poder de fogo de precisão, por si só, não pode destruir a força de vontade inimiga nem a persistência de suas intenções estratégicas.

Redução da vantagem militar. Os EUA não têm o monopólio permanente da tecnologia do poder de fogo. O inexorável ciclo do desenvolvimento de armas e de medidas contra armas, mais cedo ou mais tarde, vai reduzir nossas imensas vantagens militares. Até agora, a teoria do poder de fogo de precisão só foi testada contra inimigos relativamente não sofisticados. Se os EUA tivessem de enfrentar um inimigo com os recursos ou poder militar da ex-União Soviética ou da China ou Irã do futuro, provavelmente o poder de fogo de precisão ficaria muito aquém do efeito esperado. Muitos de nossos inimigos e também alguns amigos venderão armas sofisticadas a qualquer nação que possua dinheiro.

Um inimigo com limitadas armas de alta tecnologia, poderia frustrar elementos-chave do nosso arsenal ofensivo — exatamente o que fizeram os sérvios em 1999. Os operadores de radares do sistema de defesa antiaéreo



Departamento de Defesa

Um F-15E Strike Eagle na pista da base aérea de Aviano, na Itália, pronto para decolar tendo ao fundo um F-16 Fighting Falcon em vôo em direção a Kosovo.

sérvio desligaram seus aparelhos para impedir que as aeronaves da OTAN captassem os sinais necessários para localizar e destruir seus radares. Como resultado dos esforços sérvios, os planejadores da OTAN tiveram de reconsiderar seus planos, e suas aeronaves passaram a voar a grande altitude antes de atacar diretamente as forças terrestres da Sérvia. A mera existência de uma capacidade antiaérea sérvia, não o seu emprego, forçou as aeronaves da OTAN a voar a uma altura de mais de 15.000 pés, situação esta que prejudicou significativamente sua eficácia contra as tropas sérvias. A OTAN foi forçada a recorrer ao bombardeio de objetivos civis e militares fixos e de dupla utilidade para pressionar o governo sérvio do presidente Slobodan Milosevic.²² A capacidade de um inimigo esperar, reagir ou evitar os efeitos do poder de fogo de precisão claramente demonstra as deficiências da teoria.

Implicações morais. A teoria do poder de fogo de precisão apresenta dilemas morais difíceis e únicos. Quais foram as implicações morais do ataque à infraestrutura sérvia de dupla utilidade para evitar o combate terrestre contra as forças paramilitares da Sérvia, que cometeram atrocidades em Kosovo? Quantos danos diretos e indiretos podem os Estados Unidos infligir aos civis nas proximidades destes objetivos ao limitar o risco aos pilotos americanos? As preocupações internacionais com respeito à campanha de bombardeio, inclusive as de estados membros da OTAN, certamente encorajaram

Milosevic a manter a esperança de um colapso da unidade ou da vontade da OTAN.²³ O Tribunal Criminal Internacional para a ex-Yugoslávia considerou brevemente a

O inexorável ciclo do desenvolvimento de armas e de medidas contra armas, mais cedo ou mais tarde, vai reduzir nossas imensas vantagens militares. Até agora, a teoria do poder de fogo de precisão só foi testada contra inimigos relativamente não sofisticados. Se os EUA tivessem de enfrentar um inimigo com os recursos ou poder militar da ex-União Soviética ou da China ou Irã do futuro, provavelmente o poder de fogo de precisão ficaria muito aquém do efeito esperado.

possibilidade de indiciar os líderes militares da OTAN por violações das leis da guerra.²⁴ Ambos os lados podem usar estes argumentos como um jogo e isto é um fator freqüentemente ignorado pelos defensores do poder de fogo de precisão.

A preferência dos EUA pelo bombardeio em vez das operações terrestres provocou um sentimento negativo em muitos líderes dos países em desenvolvimento, que passaram a considerar os EUA como um tirano poderoso, mas covarde. Os EUA parecem estar preparados para

lançar mísseis e bombas contra um inimigo à distância, mas pouco dispostos a enfrentar seus inimigos “honradamente”.²⁵ Parece que a nossa impressionante tecnologia não intimida nossos inimigos à submissão. Na verdade, parece incentivá-los a encontrar novos meios para enfrentar nossas fortalezas e para atacar assimetricamente nossas fraquezas.

Fogo de Precisão: Natureza Sedutora da Teoria

O emprego do poder de fogo também tenta os tomadores de decisões políticas nos EUA a recorrerem rapidamente ao emprego da força como substituto para a grande estratégia. Ao contrário da complexa e custosa sincronização de todos os elementos do poder, que a longo prazo permitiria alcançar as metas da política exterior, o poder de fogo de precisão parece prometer um caminho rápido, e sem riscos, à vitória, empregando uma força limitada. O Coronel Philip S. Meilinger da Força Aérea dos Estados Unidos, afirma que “o poder aeroespacial... deve ser nossa arma preferida, por ser a mais precisa, prudente e sem riscos que temos em nosso arsenal”.²⁶

Entretanto, como em toda a situação de sedução, o excitação da perseguição dentro de pouco é substituído pelo descontentamento e até mesmo a angústia. A capacidade de destruir objetivos fixos em solo inimigo não é um substituto para a estratégia. Segundo a advertência contida na doutrina conjunta dos EUA, “existe um delicado equilíbrio entre o desejo de uma vitória rápida e o término do conflito em termos verdadeiramente favoráveis”.²⁷ O poder de fogo de precisão tende a favorecer a vitória rápida.

A teoria do poder de fogo de precisão também incentiva os estrategistas americanos a fazer projeções muito ambiciosas com respeito ao alcance de suas metas estratégicas. Em fins do século XX, os Estados Unidos exigiram, com frequência, concessões de inimigos feridos, mas não derrotados — concessões que estavam fora de proporção quanto à situação militar no terreno. A punição de regime facilmente passa a ser mudança daquele regime na retórica acalorada que caracteriza o processo de formulação de política exterior dos EUA. Por outro lado, as situações no Panamá e Granada foram rapidamente resolvidas através do emprego de uma combinação do poder de fogo de precisão em apoio ao poder terrestre. Vale recordar o que rendição e ocupação militar podem alcançar.

Durante o bombardeio da Sérvia em 1999, os líderes da OTAN e o Presidente Clinton estavam convencidos de que apenas uns dias de ataques aéreos contra objetivos fixos sérvios seriam suficientes para persuadir Milosevic a terminar a limpeza étnica em Kosovo. Após 78 dias de bombardeio, enorme destruição da

infra-estrutura sérvia e meses de limpeza étnica intensificada, a OTAN e Clinton foram obrigados a considerar uma invasão terrestre para resolver o conflito. Alguns acreditam que o apoio aéreo às operações terrestres do Exército de Libertação de Kosovo e a ameaça de uma invasão terrestre finalmente convenceram Milosevic a aceitar um armistício. Outros estudos concluem que Milosevic aceitou o armistício somente depois que ele concluiu que a OTAN planejava aniquilar a infraestrutura civil e econômica da Sérvia.²⁸ Seja qual for a razão, foram necessárias mais de 25.000 homens da OTAN para a imposição dos termos do armistício. As tropas da OTAN ainda se encontram na Sérvia, e não existe nenhuma solução política que permita a retirada da OTAN num futuro previsível. O suposto êxito da campanha de bombardeio trancou a OTAN dentro de um enigma estratégico.

Os Estados Unidos devem assegurar que seus objetivos estratégicos são proporcionais às vitórias alcançadas pelas suas Forças Armadas. Se o objetivo é meramente destruir alguma capacidade específica de outro estado, então o poder de fogo de precisão, por si só, pode ter êxito. Contudo, não devemos esperar que nossas vitórias relativamente baratas, rápidas e fáceis de alguma forma irão significar uma paz duradoura, estabilidade e apoio para os objetivos estratégicos dos EUA. Tal expectativa somente intensificará a frustração.

O Problema dos Objetivos na Guerra

Suponhamos que podemos desconsiderar todas as limitações da eficácia do poder de fogo de precisão. Suponhamos também que o arsenal de armas dos EUA está completo, que o terreno e o tempo nos favorecem, que o inimigo é militarmente incompetente e que todos estão satisfeitos com a maneira como abordamos as considerações morais. As bombas inteligentes e as armas maravilhosas da era da informação são decisivas nos níveis tático e operacional da guerra. O fato é que, mesmo neste mundo ideal, o poder de fogo de precisão não alcançará seus objetivos porque mesmo quando as armas funcionam, a teoria não pode garantir a vitória.

A desvantagem crítica da teoria do poder de fogo de precisão é que, sozinha, não pode alcançar os objetivos. Os ataques aéreos de precisão podem persuadir um inimigo a solicitar um armistício, mas não podem forçá-lo a alterar o seu comportamento, uma vez terminados os ataques. Quando atacado somente pelo poder de fogo, o inimigo determina se deve ou não submeter-se e quão fielmente aderirá aos termos oferecidos. Uma decisão política da guerra que exija que o inimigo faça mudanças fundamentais em suas políticas exteriores



Departamento de Defesa

Combatentes observam as telas que mostram o conhecimento da situação em tempo real por meio de alta tecnologia. As imagens são enviadas pela aeronave de observação Predator para o Michelson Laboratory, em China Lake, Califórnia. 30 de julho de 2002.

ou internas só é possível através da aplicação decisiva do poder de fogo e da força terrestre. Somente quando emprega sua força terrestre para impossibilitar até a resistência mais passiva, o vencedor é capaz de impor sua vontade sobre o inimigo. Mesmo quando o poder de fogo de precisão é decisivamente importante na condução da campanha, só as forças terrestres são capazes de alcançar uma vitória duradoura.

A questão essencial em relação ao emprego da força militar, não é como aplicar eficazmente as medidas militares disponíveis (tática e operações), e sim como empregar as medidas militares disponíveis para “alcançar os objetivos da política”.²⁹ A guerra através do emprego do poder de fogo de precisão facilmente pode chegar a ser aniquilamento sem propósito. Não existe nenhuma solução militar única para alcançar a paz.

A guerra é um ato político; tem sua própria gramática, mas não tem sua própria lógica. Clausewitz nos faz lembrar que “a superioridade que um tem ou ganha na guerra são apenas os meios e não o fim; ela deve ser arriscada para a conquista do objetivo”.³⁰ A atual doutrina conjunta dos EUA concorda com Clausewitz, advertindo que “as guerras são travadas por objetivos políticos. E são bem-sucedidas somente quando se

atingem os objetivos políticos e os mesmos perduram” [ênfase na original].³¹

Não se deve negar a importância do poder de fogo de precisão e dos conceitos da condução da guerra relacionados à era da informação. Sem dúvida estão mudando os níveis tático e operacional da guerra. As relações entre fogo e manobra e poder aéreo e terrestre estão em constante evolução devido às mudanças na sociedade e na tecnologia. A revolução em assuntos militares atualmente impulsionada pela era da informação é ainda um outro episódio neste longo processo.

Warden interpreta mal Clausewitz quando insiste em que o aspecto físico do poder de resistência do inimigo pode ser separado de sua vontade de resistir. Ambos devem ser derrotados para atingir os objetivos da guerra. Clausewitz é instrutivo, pois afirma a

necessidade de deixar o oponente permanentemente indefeso: “Para coagir nosso oponente deve-se colocá-lo em uma situação mais opressiva que o sacrifício que se exige dele. Sem dúvida alguma, a dificuldade desta situação não deve ser meramente temporária — pelo menos em aparência. Caso contrário, o inimigo não se renderia e esperaria até que a situação melhorasse... A pior condição na qual um beligerante pode se encontrar é estar completamente indefeso”.³²

A doutrina do Exército dos EUA, segundo a doutrina conjunta e a de Clausewitz, afirma o seguinte sobre a conquista da vitória na guerra: “Com suas características inerentes da presença no terreno e do conhecimento da situação, as forças do Exército tornam permanentes os efeitos dos fogos que, caso contrário, seriam temporários. As mentes dos comandantes inimigos estão dominadas pela certeza de que o combate aproximado contra as forças do Exército americano, apoiadas pela sua Força Aérea e Marinha, terá dois possíveis resultados: a destruição ou a rendição.”³³

Os oponentes mais recentes demonstraram grande habilidade para por fim ao bombardeio americano ao concordarem com uma série limitada de termos de cessar fogo, somente para, logo depois dos ataques terminarem, ignorarem estes termos.³⁴ Converter os êxitos em acordos políticos duradouros é o formidável desafio para a estratégia militar que o poder de fogo de precisão não pode resolver.

A Operação *Enduring Freedom* no Afeganistão oferece alguns aspectos deste dilema. Inicialmente, os EUA anunciaram o limitado objetivo de destruir a organização Al-Qaeda. O Talibã tinha de ser destruído somente porque proporcionou refúgio aos membros da Al-Qaeda, recusando-se a entregá-los à custódia dos EUA. Não obstante, é claro que os EUA também queriam que o Afeganistão deixasse de ser um lugar de cultivo do terrorismo e se juntasse à comunidade de nações pacíficas. Os EUA derrubaram o Talibã empregando ataques aéreos em apoio a um grande exército terrestre da Aliança do Norte. Apesar disso, os EUA ainda não controlam a situação no terreno. Os líderes da política exterior dos EUA ainda procuram opções para impedir que o Afeganistão volte à anarquia.³⁵

Ao empregar grupos tribais como mandatários para fazer o “trabalho sujo” do combate terrestre, os EUA aumentaram o poder militar e a estatura política destes grupos ao ponto de alguns já não serem mais confiáveis, quando se trata da implementação dos objetivos dos EUA. Alguns grupos solicitaram ataques aéreos dos EUA para ajustar disputas com seus vizinhos, levando à questão de exatamente quem é mandatário de quem. A maioria dos grupos se opôs publicamente ao governo do presidente afegão Mohammed Karzai, e no outono de 2002, alguns começaram a fazer ataques contra as

forças americanas e aliadas. As limitadas vitórias militares alcançadas através desta “nova forma de guerra americana” simplesmente não nos proporcionaram o poder para impor nossa vontade no Afeganistão pós Talibã.³⁶

Nem todos os estrategistas acreditam que poder de fogo de precisão é um substituto para a estratégia militar, embora a maioria dos defensores dessa idéia faz que não vê ou ignora esse fato. Os teóricos das operações decisivas rápidas advertem que a teoria não é planejada para “compromissos a longo prazo ou para resolver disputas de longa data”.³⁷ A rápida aplicação do poder de fogo de precisão é apenas um meio para apoiar a estratégia, e não um meio ou um fim em si mesma. Os defensores do poder de fogo de precisão deveriam prestar atenção a essas distinções.

Mudanças Fundamentais

Não se deve negar a importância do poder de fogo de precisão e dos conceitos da condução da guerra relacionados à era da informação. Sem dúvida estão mudando os níveis tático e operacional da guerra. As relações entre fogo e manobra e poder aéreo e terrestre estão em constante evolução devido às mudanças na sociedade e na tecnologia. A revolução em assuntos militares atualmente impulsionada pela era da informação é ainda um outro episódio neste longo processo. Os responsáveis pela política dos EUA devem enfrentar estes efeitos enquanto se preparam para empregar a força militar do século XXI. Não devem subestimar sua utilidade ou suas limitações. O debate sobre qual das forças (aérea, da marinha, ou do exército) é mais decisiva na guerra é um argumento que não esclarece muito a questão estratégica: “Como alcançamos os objetivos políticos com os meios militares?”

Ao contrário da tecnologia, a natureza da política entre estados muda lentamente. A excessiva dependência na teoria da eficácia do poder de fogo de precisão poderia levar os EUA a realizar operações militares que não atingem os objetivos estratégicos nos quais foram baseadas estas operações. Esta é a natureza tentadora e perigosa do poder de fogo de precisão que incentiva o pensamento negligente em dois níveis: que a estratégia militar consiste principalmente na seleção e destruição de alvos e com frequência da infra-estrutura civil e militar em vez de forças militares e que esta destruição, por si só, produzirá resultados na estratégia geral e militar sem a necessidade de empregar as forças terrestres.

O inimigo não é uma massa sem vida de edifícios, sistemas de informações ou plataformas de armas. Ele não entrega seus objetivos estratégicos usando um simples cálculo de custo e benefício. A mera destruição dos meios de guerra do inimigo não é o verdadeiro objetivo da guerra. A vitória é alcançada

quando é destruída a vontade de resistir do inimigo e ele é forçado a atuar de acordo com a vontade do seu adversário. Da mesma forma que a água, a vontade de resistir encontra um caminho que a permite continuar, e as guerras travadas principalmente pelo poder de fogo de precisão tendem a deixar muitos caminhos abertos, quando findam os ataques.

O vencedor é aquele que deixa seu inimigo incapacitado para resistir e conseqüentemente o compele a fazer o que lhe é determinado. A presença de forças terrestres

é necessária para evitar que o inimigo fuja aos efeitos do poder de fogo, resista passivamente ou restaure sua vontade quando termina a destruição desde o ar. Isto exige uma combinação astuta de poder de fogo aéreo e naval em conjunto com o poder terrestre. O poder de fogo de precisão não é uma bala mágica tecnológica para cada objetivo estratégico. Não devemos confundir os meios da guerra com os objetivos. Somente as bombas inteligentes e as armas brilhantes não constituem uma boa estratégia. **MR**

Referências

1. T.R. Fehrenbeck, *This Kind of War* (Nova York: MacMillan, 1963), p. 427.
2. John Keegan, *London Daily Telegraph*, 6 de junho de 1999.
3. Richard P. Hallion, *Storm Over Iraq: Air Power and the Gulf War* (Washington, DC: Smithsonian Institution Press, 1992), p. 254.
4. Estrategista da Força Aérea dos EUA, Phillip S. Meilinger, sugere que a sugestão de Giulio Douhet por uma força armada única encabeçada por uma arma aérea pode ter sido correto depois da Operação Desert Storm. Ver Meilinger, "Giulio Douhet and the Origins of Airpower Theory," in *The Paths of Heaven: The Evolution of Airpower Theory* (Montgomery, Alabama: Air University Press, 1997). Ver também *Air Force Doctrine Document (AFDD) 1, Air Force Basic Doctrine* (Washington, DC: Gabinete de Imprensa do Governo dos EUA [GPO], setembro de 1997), pp. 12-13, 51, 61.
5. John A. Warden, "The Enemy as a System," *Airpower Journal* 9 (Spring 1995): pp. 41-55.
6. *Ibid.*
7. AFDD 1, p. 30. Ver também AFDD 2, *Organization and Employment of Aerospace Power* (Washington, DC: GPO, 17 de fevereiro de 2000), cap. 1.
8. AFDD 1, p. 30.
9. *Ibid.*, p. 51.
10. Price T. Bingham, "Transforming Warfare with Effects-Based Joint Operations," *Aerospace Power Journal* 15 (Spring 2001): p. 59. A Força Aérea também introduziu as EBO como um método de medir a eficácia fiscal dos sistemas e plataformas de armas. Ver Frank Wolfe, "Air Force Officials to Emphasize Effects-Based Operations in QDR," *Defense Daily* 209 (18 de janeiro de 2002): p. 1.
11. Jeffrey J. Becker, "Rapid Decisive Operations as Joint Operational Concept," *Army* 2 (fevereiro de 2002): p. 50. Para o documento base das RDO, ver U.S. Joint Forces Command, *Concept for Rapid Decisive Operations* (Norfolk, Virginia: GPO, Anteprojeto, 25 de outubro de 2001).
12. B.H. Liddell-Hart, *Strategy* (Nova York: Doubleday, 1967), p. 335. Isto é para distinguir a diferença entre a estratégia militar e a grande estratégia, a qual é definida como a sincronização dos instrumentos de poder político, econômico, militar e de informações para alcançar os objetivos políticos da Nação.
13. Por certo nem todos os defensores do poder de fogo de precisão aceitarão esta definição. Há muitos termos neste debate: "ataque de precisão", "engajamento de precisão", "ataque global", "Operações Baseadas nos Efeitos" e "a guerra tridimensional", por exemplo. Cada um tem sua própria série de princípios e definições. "O poder de fogo de precisão" parece melhor captar a essência do tema. Para uma discussão completa do gênero, ver Daniel Gouré e Christopher M. Szara, editores, *Air and Space Power in the New Millennium* (Washington, DC: Center for Strategic and International Studies (CSIS), 1997). Para os estrategistas que não estão tão convencidos da capacidade do poder de fogo de precisão para obter resultados estratégicos, ver Benjamin S. Lambeth, *The Transformation of American Air Power: A Rand Research Study* (Ithaca, Nova York: Cornell University Press, 2000); Robert A. Pape, *Bombing to Win: Airpower and Coercion in War* (Ithaca, Nova York: Cornell University Press, 1996); Jeffery A. Jackson, "Global Attack and Precision Strike," em *Air and Space Power in the New Millennium* (Washington, DC: CSIS, 1997).
14. Para um exemplo destas limitações ver Grant T. Hammond, "Myths of the Air War over Serbia," *Aerospace Power Journal* 14 (Winter 2000): pp. 78-86. Ainda se realizam os estudos da eficácia das munições guiadas de precisão no Afeganistão. Ver Hunter Keeter, "Pentagon Downplays Preliminary Look at Weapons Accuracy in Afghanistan," *Defense Daily*, 10 de abril de 2002, p. 7.
15. O caminhão foi danificado e morreram alguns combatentes, inclusive uma mulher e seu filho. Ver David Wood, "Fair Targets," *Army Times*, 62, 25 de março de 2002, p. 17.
16. Existe uma variedade de artigos sobre a eficácia superestimada do bombardeio estratégico. Ver Conrad Crane, *Bombs, Cities, and Civilians: American Airpower Strategy in World War II* (Lawrence, Kansas: University Press of Kansas, 1993); e Crane, *American Airpower Strategy in Korea, 1950-53* (Lawrence, Kansas: University Press of Kansas, 2000); Gian Gentile, *How Effective is Strategic Bombing? Lessons Learned from World War II to Kosovo* (New York University Press, 2001); Mark Clodfelter, *The Limits of Airpower: The American Bombing of North Vietnam* (Nova York: The Free Press, 1989).
17. Carl von Clausewitz, *On War*, traduzido e editado por Michael Howard e Peter Paret (Nova Jersey: Princeton University Press, 1976), p. 77.
18. Robert H. Scales Junior, "America's Army in Transition: Preparing for War in the Precision Age," *Ensaio temático do Exército N° 3* (Carlisle Barracks, Pensilvânia: Escola Superior de Guerra do Exército dos EUA (AWC), Instituto de Estudos Estratégicos (SSI), Dezembro de 1999), p. 13. Ver também editor, Scales, "A Sword with Two Edges: Maneuver in 21st Century Warfare," in *Future Warfare: An Anthology* (Carlisle Barracks, Pensilvânia: AWC, SSI), 2001.
19. Michael E. O'Hanlon, "A Flawed Masterpiece," *Foreign Affairs* 81 (maio-junho de 2002): pp. 49-54.
20. Stephen Biddle, *Afghanistan and the Future of Warfare: Implications for the Army and Defense Policy* (Carlisle, Pensilvânia: AWC, SSI, 20 de outubro de 2002).
21. Antulio J. Echevarria II, *Rapid Decisive Operations: An Assumptions-Based Critique* (Carlisle, Pensilvânia: AWC, SSI, novembro de 2001).
22. Ver Benjamin S. Lambeth, *NATO's Air War for Kosovo: A Strategic and Operational Assessment* (Santa Mônica, Califórnia: RAND, 2001), pp. 102-16.
23. Ver Wesley K. Clark, *Waging Modern War: Bosnia, Kosovo, and the Future of Combat* (Nova York: Public Affairs, 2001).
24. O caso nunca foi formalmente abordado, mas a ameaça se mantém no horizonte. Ver Henry A. Kissinger, "The Pitfalls of Universal Jurisdiction," *Foreign Affairs* 80 (julho-agosto de 2001): p. 93.
25. Victor David Hanson mantém a opinião convincente que a superioridade tecnológica, embora importante, não foi a razão principal para o domínio militar ocidental através do tempo. Na verdade, ele afirma que um grupo de instituições políticas, sociais e culturais foi o fator crucial para a supremacia militar ocidental. Substituir a tecnologia por uma falta de vontade e coloca-la no lugar do pensamento militar claro poderia anular esta tendência histórica. Ver Hanson, *Culture and Carnage: Landmark Battles in the Rise of Western Power* (Nova York: Doubleday, 2001).
26. Phillip K. Meilinger, "Precision Aerospace Power, Discrimination, and the Future of War," *Aerospace Power Journal* 15 (Fall 2001): p. 12.
27. *Publicação Conjunta (JP) 3-0, Doctrine for Joint Operations* (Washington, DC: GPO, 10 de setembro de 2001), p. III-24.
28. Ver Stephen Hosmer, *Project Air Force. The Conflict Over Kosovo: Why Milosevic Decided to Settle When He Did* (Santa Mônica, Califórnia: RAND, 2001).
29. Liddell-Hart.
30. Clausewitz, p. 570. Ver também as páginas 86-87 para a distinção entre a guerra teórica e a verdadeira condução da guerra.
31. JP 3-0, p. III-25.
32. Clausewitz, p. 77.
33. *Manual de Campanha 3-0: Operations* (Washington, DC: GPO, 14 de junho de 2001), pp. 1-6.

O Tenente-Coronel Timothy R. Reese é o Diretor do Gabinete de Assuntos de Cavalaria e Blindados no Centro de Blindados do Exército dos EUA, no Forte Knox. Possui os títulos de Bacharel pela Academia Militar dos EUA e o de Mestre pela University of Michigan. É também graduado pela Escola Superior de Guerra do Exército dos EUA. Serviu em várias funções de comando e estado-maior nos EUA, Alemanha e Kosovo.